

TEORIAS E PRÁTICAS DA LEITURA

Prof. Thiago Mio Salla

Introdução panorâmica ao tema: teoria e prática

Parte 3

Epígrafes

“A teoria não pode se reduzir a um técnica nem a uma pedagogia – ela vende sua alma nos vade-mécum de capas coloridas expostos nas vitrinas das livrarias do Quartier Latin –, mas isso não é motivo para fazer dela uma metafísica nem uma mística. Não a tratemos como uma religião. A teoria literária não teria senão um 'interesse teórico'? Não, se estou certo ao sugerir que ela é também, talvez essencialmente, crítica, opositiva ou polêmica. [] Há teoria quando as premissas do discurso corrente [...] não são mais aceitas como evidentes, quando são questionadas, expostas como construções históricas, como convenções”.

COMPAGNON, Antoine. *O Demônio da Teoria – Literatura e Senso Comum*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010, p. 15 e 17.

Epígrafes

“[...] o leitor implícito não tem existência real; pois ele materializa o conjunto das preorientações que um texto ficcional oferece, como condições de recepção, a seus leitores possíveis. Em consequência, o leitor implícito não se funda em um substrato empírico, mas sim na estrutura do texto. Se daí inferimos que os textos só adquirem sua realidade ao serem lidos, isso significa que as condições de atualização do texto se inscrevem na própria construção do texto, que permitem constituir o sentido do texto na consciência receptiva do leitor.”

ISER, Wolfgang. *O Ato da Leitura*. 2 vols. São Paulo: Editora 34, 1996, vol. 1, p. 73.

Definição de teoria

1. A teoria é interdisciplinar – um discurso com efeitos fora de uma disciplina original.
2. A teoria é analítica e especulativa – uma tentativa de entender o que está envolvido naquilo que chamamos de linguagem ou escrita ou sentido ou o sujeito.
3. A teoria é uma crítica do senso comum, de conceitos considerados como naturais, cuja verdade ou falsidade se mostra difícil de demonstrar.
4. A teoria é reflexiva, é reflexão sobre reflexão, investigação das categorias que utilizamos ao fazer sentido das coisas, na literatura e em outras práticas discursivas.

(CULLER, Jonathan. *Teoria Literária – Uma Introdução*. São Paulo: Beca, 1999, p. 23).

Principais Teorias (amplas) da Leitura

1) Escola de Constança – destaque para a obra *A História da Literatura como Provocação à Teoria Literária*, de Hans Robert Jauss. Ênfase no caráter dialógico da obra; busca do horizonte de expectativa do primeiro público de um texto; interesse pela história de recepção de um texto (perspectiva diacrônica e sincrônica);

Wolfgang Iser (na obra *O Ato de Ler*) e o conceito de leitor implícito: esta categoria funda-se na estrutura do texto e antecipa a presença do leitor, pois materializa o conjunto das pré-orientações que um escrito oferece – “modelo transcendental que permite descrever as estruturas gerais de efeitos de textos ficcionais”.

Principais Teorias (amplas) da Leitura

Leitor implícito

```
graph TD; A[Leitor implícito] --> B["“papel do leitor”"]; A --> C["“ficção do leitor”"];
```

“papel do leitor” – dado estrutural profundo que se refere à própria perspectiva da narrativa, levando-se em conta a relação dos termos que a compõe (personagens, espaço, tempo, enredo).

“ficção do leitor” – encontra-se na superfície do texto; repertório de sinais por meio dos quais o narrador expõe o texto ao leitor imaginado.

Principais Teorias (amplas) da Leitura

AO LEITOR

Que Stendhal confessasse haver escrito um de seus livros para cem leitores, coisa é que admira e consterna. O que não admira, nem provavelmente consternará é se este outro livro não tiver os cem leitores de Stendhal, nem cinquenta, nem vinte e, quando muito, dez. Dez? Talvez cinco. Trata-se, na verdade, de uma obra difusa, na qual eu, Brás Cubas, se adotei a forma livre de um Sterne, ou de um Xavier de Maistre, não sei se lhe meti algumas rabugens de pessimismo. Pode ser. Obra de finado. Escrevi-a com a pena da galhofa e a tinta da melancolia, e não é difícil antever o que poderá sair desse conúbio. Acresce que a gente grave achará no livro umas aparências de puro romance, ao passo que a gente frívola não achará nele o seu romance usual; ei-lo aí fica privado da estima dos graves e do amor dos frívolos, que são as duas colunas máximas da opinião.

Mas eu ainda espero angariar as simpatias da opinião, e o primeiro



Principais Teorias (amplas) da Leitura

remédio é fugir a um prólogo explícito e longo. O melhor prólogo é o que contém menos coisas, ou o que as diz de um jeito obscuro e truncado. Conseqüentemente, evito contar o processo extraordinário que empreguei na composição destas Memórias, trabalhadas cá no outro mundo. Seria curioso, mas nimiamente extenso, e aliás desnecessário ao entendimento da obra. A obra em si mesma é tudo: se te agradar, fino leitor, pago-me da tarefa; se te não agradar, pago-te com um piparote, e adeus.

Brás Cubas

(ASSIS, Machado. Memórias Póstumas de Brás Cubas. São Paulo: Ática, 1997, p. 16)

Principais Teorias (amplas) da Leitura

Ficção do Leitor – Prólogo Brás Cubas

"Ao leitor", "fino leitor" – embreagens actanciais. Chamamento inicial e forma de angariar as simpatias da opinião.

"te" – debreagem enunciativa. Aproximação

“gente grave”, “gente frívola”. Especulação e afastamento

Do rebaixamento a uma atitude assertiva >
pseudorrebaixamento

Da deferência à ameaça > pseudoagressividade
Há também aqui a força de advertência

Principais Teorias (amplas) da Leitura

Papel do Leitor – Prólogo Brás Cubas

Brás ajusta-se ao gênero prólogo: de modo irônico, especula sobre os possíveis leitores de sua obra, trata do problema de recepção do texto em meio a duas rígidas balizas de opinião, revela seu desejo de ser aceito e de entreter o leitor: não quer explicitamente convencê-lo, mas chamar sua atenção: (contexto em que a função estética voltada a um horizonte de leitura mais concreto se sobrepunha ao didatismo romântico que se dirigia a um leitor universal).

Ao mesmo tempo, pressupõe um leitor capaz de compreender sutilezas, não se deixar ludibriar por ironias e compor a unidade de um todo multifacetado e aparentemente disperso.

Principais Teorias (amplas) da Leitura

2) Sociologia da Leitura – vertente que leva em conta o leitor empírico, procurando discutir de que maneira os(as) diferentes leitores(as) se apropriam da leitura, se levarmos em conta sua classe social, sua idade, sua identidade sexual, sua origem geográfica, seu nível de instrução, o cabedal cultural da família de que são provenientes etc. Em perspectiva ampla (sem prescindir da História), leva em conta as modalidades e usos da leitura, os suportes editoriais, o papel das instituições, entre outros aspectos.

Retratos da Leitura no Brasil – principal e mais abrangente pesquisa desse gênero no país. Última edição (a quarta) foi publicada 2016. Nela foram entrevistados 5.012 pessoas em diferentes localidades de todo o país.

Principais Teorias (amplas) da Leitura

Retratos da Leitura no Brasil - 4ª edição



Principais Teorias (amplas) da Leitura

O Instituto Pró-Livro e a pesquisa **Retratos da Leitura no Brasil**

Principais finalidades

Avaliar impactos e orientar **políticas públicas do livro e da leitura**, tendo por objetivo melhorar os indicadores de leitura do brasileiro.

Promover a reflexão e **estudos** sobre os hábitos de leitura do brasileiro para **identificar ações** mais efetivas voltadas ao fomento à leitura e o acesso ao livro.

Promover **ampla divulgação** sobre os resultados da pesquisa para informar e mobilizar toda a sociedade sobre a importância da leitura e sobre a necessidade de melhorar o “retrato” da leitura no Brasil.



Principais Teorias (amplas) da Leitura

Histórico da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil

1ª edição
2000

Realização: Abrelivros, CBL e SNEL. Realizada em 2000, a pesquisa foi lançada em 2001.

Aplicação: Instituto A. Franceschini
Análise de Mercado.

Público-alvo: População brasileira com 14 anos e mais, com pelo menos três anos de escolaridade.

Amostra: 5.200 entrevistas em 44 municípios de 19 Unidades da Federação.

2ª edição
2007

Realização: Instituto Pró-Livro (IPL), com o apoio da Abrelivros, CBL e SNEL. Realizada em 2007, a pesquisa foi lançada em 2008.

Aplicação: IBOPE Inteligência.

Coordenação: IPL e Galeno Amorim.

Metodologia: desenvolvida pelo **CERLALC-UNESCO** seguindo padrões internacionais de medição, viabilizando a comparação com países da América Latina e Caribe.

Inovações: Âmbito nacional e inclusão da população com 5 anos e mais (**público-alvo**), sem requisito de escolaridade mínima.

Amostra: 5.012 entrevistas em 315 municípios de todas as Unidades da Federação.

3ª edição
2011

Realização: Instituto Pró-Livro (IPL) com o apoio da Abrelivros, CBL e SNEL. Realizada em 2011, a pesquisa foi lançada em 2012.

Aplicação: IBOPE Inteligência.

Coordenação: Instituto Pró-Livro (Zoara Failla).

Metodologia utilizada: **CERLALC-UNESCO**, com aperfeiçoamentos em relação a 2007.

Amostra: 5.012 entrevistas em 315 municípios brasileiros

Principais Teorias (amplas) da Leitura

4ª Edição - Objetivos

OBJETIVO CENTRAL

Conhecer o comportamento leitor medindo a **intensidade**, **forma**, limitações, **motivação**, **representações** e as **condições de leitura** e de acesso ao livro – impresso e digital – pela população brasileira.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Além do objetivo central, o estudo pretende coletar dados e gerar informações específicas sobre:

- **Hábitos e motivações para a leitura**, além dos **índices** de leitura de livros;
- Perfil do **leitor** e do **não leitor** de livros;
- Percepções, **representações** e valorização da **leitura**;
- **Motivações** e **preferências** sobre livros, gêneros e autores;
- Perfil do **comprador** e do **não comprador** de livros;
- O **acesso a livros** – papel e digital, envolvendo bibliotecas e diferentes canais de distribuição e venda;
- Práticas leitoras em **diferentes materiais** (livros, jornais, revistas e hipertextos), **suportes** (impressos, digitais) e **ambientes**;
- **Avaliação de bibliotecas** públicas, escolares e comunitárias;
- O **impacto de leituras** a narrativas “transmidiáticas” e construção colaborativa/interativa (Nova proposta CERLALC); e
- A produção e o consumo de literatura ou narrativas **não tradicionais**.

Principais Teorias (amplas) da Leitura

Metodologia

Técnica da Pesquisa

Quantitativa.

Abrangência geográfica

Nacional.

Público alvo

População brasileira residente com 5 anos e mais, alfabetizada ou não.

Amostra

5012 entrevistas.

Instrumento de coleta de dados

Entrevistas pessoais face a face domiciliares, com utilização de questionário elaborado de acordo com os objetivos da pesquisa.

Período de campo

23 de novembro a 14 de dezembro de 2015.



Principais Teorias (amplas) da Leitura

Definição de **Leitor** e **Não leitor**

Leitor

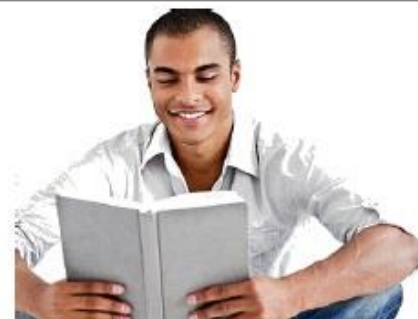
é aquele que leu, inteiro ou em partes, pelo menos 1 livro nos últimos 3 meses.

Não leitor

é aquele que declarou não ter lido nenhum livro nos últimos 3 meses, mesmo que tenha lido nos últimos 12 meses.

→ Para os índices de leitura, a referência são os 3 meses anteriores à pesquisa

→ A definição de leitor/não leitor se mantém desde a edição de 2007



Principais Teorias (amplas) da Leitura

Principal motivação para ler um livro: por Faixa Etária

2015	TOTAL	FAIXA ETÁRIA								
		5 a 10	11 a 13	14 a 17	18 a 24	25 a 29	30 a 39	40 a 49	50 a 69	70 e mais
Base: Leitores	2798	307	204	321	403	254	474	332	439	66
Gosto	25	40	42	29	21	20	16	21	23	25
Atualização cultural ou Conhecimento geral	19	9	12	15	20	23	28	22	19	23
Distração	15	10	16	19	17	17	13	13	12	19
Crescimento pessoal	10	4	7	9	14	10	13	13	10	3
Motivos religiosos	11	3	3	1	4	9	13	16	25	25
Exigência escolar ou faculdade	7	22	12	14	8	3	3	2	0	0
Atualização profissional ou exigência do trabalho	7	1	3	3	9	13	9	8	6	0
Não sabe/Não respondeu	5	11	4	9	6	4	5	4	5	4

Base baixa

Principais Teorias (amplas) da Leitura

Fatores que influenciam na escolha de um livro

(%)

2015



O “tema ou assunto” influencia mais a escolha dos adultos e daqueles com escolaridade mais alta, atingindo 45% das menções entre os que têm ensino superior.

Já a “capa” de um livro é o principal motivo de escolha na faixa etária entre 5 a 13 anos.

Nas faixas etárias correspondentes aos ciclos da escolarização básica (Ensino Fundamental e Médio) as “dicas de professores” são mais influentes para aqueles que estão entre 5 a 10 anos de idade.

O item “Blogs”, explorado em 2015, obteve menos de 1% das menções.

Base: Leitores (2798)

IBOPE

26 inteligência

P.36) Qual destes fatores mais influencia o(a) sr(a) na hora de escolher um livro ou autor para ler?

Principais Teorias (amplas) da Leitura

Número de livros lidos por ano*

(Entre todos os entrevistados)

2007

- 4,7 livros por habitante/ano

2011

- 4,0 livros por habitante/ano
- 2,1 inteiros
- 2,0 em partes

2015

- 4,96 livros por habitante/ano
- 2,43 inteiros
- 2,53 em partes

ESTUDANTE

Livros habitante/ano	2007	2011	2015
Estudante	7,2	6,2	9,38
Não estudante	3,4	2,3	3,35

REGIÃO

Livros habitante/ano	2007	2011	2015
Norte	3,9	2,7	4,40
Nordeste	4,2	4,3	3,93
Sudeste	4,9	4,0	5,96
Sul	5,5	4,2	4,41
Centro-Oeste	4,5	4,2	4,83



Principais Teorias (amplas) da Leitura

Número de livros lidos por ano*

(Entre todos os entrevistados)

ESCOLARIDADE			
Livros habitante/ano	2007	2011	2015
Fundamental I (1º a 4º série ou 1º ao 5º ano)	3,7	2,5	3,44
Fundamental II (5º a 8º série ou 6º ao 9º ano)	5,0	3,7	5,26
Ens. Médio (1º ao 3º ano)	4,5	3,9	4,79
Superior	8,3	7,7	10,87

RENDA FAMILIAR (SM)			
Livros habitante/ano	2007	2011	2015
Mais de 10	8,0	8,6	11,28
Mais de 5 a 10	6,0	5,1	8,05
Mais de 2 a 5	4,9	4,2	5,22
Mais de 1 a 2	3,9	2,9	4,27
Até 1	3,7	2,7	3,89

Os resultados de 2015 reforçam uma tendência percebida desde 2007: quanto maior a escolaridade e a renda, maior é o hábito de leitura de livros, assim como também é maior entre aqueles que ainda são estudantes. Estes últimos, sobretudo pela leitura de livros indicados pela escola, didáticos ou literatura.

Principais Teorias (amplas) da Leitura

3) A materialidade das práticas sociais atreladas à leitura – Roger Chartier – protocolos de leitura que indicam outras práxis de leitura e atenção ao suporte e ao material tipográfico (protocolos de edição e impressão). A ordem do livro antes da ordem do discurso. A opacidade dos meios.

Os textos não existiriam fora dos suportes materiais por meio dos quais foram veiculados, pois a construção de seus significados estaria diretamente ligada às formas que permitiriam sua leitura, audição ou visão. Advogando contra certa atitude analítica que desconsideraria tal materialidade das obras, o estudioso ressalta que a dupla historicidade das mesmas deveria ser respeitada, ou seja, conviria não esquecer o fato de elas terem sido publicadas num momento e num

Principais Teorias (amplas) da Leitura

meio editorial específicos. Esse procedimento, por sua vez, ajudaria a evitar interpretações anacrônicas, as quais, em regra, acabariam por desfigurar os textos analisados, impondo-lhes formas e sentidos que lhes seriam totalmente estranhos. (CHARTIER, Roger. “A mediação editorial”. In: *Os desafios da escrita*. São Paulo: Editora UNESP, 2002, p. 62)

Em resumo: o texto como um artefato verbal e como um evento cultural (materialidade e enquadramento discursivo).